



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

## O ENSINO NO CONTEXTO DA CIBERCULTURA: GÊNEROS DIGITAIS, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E CURADORIA PEDAGÓGICA

Alessandra de Souza Braga<sup>1</sup> – Universidade Estadual do Amazonas – [ale.manaus.braga@gmail.com](mailto:ale.manaus.braga@gmail.com)  
M<sup>a</sup> Ione Feitosa Dolzane<sup>2</sup> – Universidade Federal do Amazonas – [ionedolzane@ufam.edu.br](mailto:ionedolzane@ufam.edu.br)  
Ynara Silva Luniere Brito<sup>3</sup> – Universidade Federal do Amazonas – [yluniere@gmail.com](mailto:yluniere@gmail.com)

### Eixo 01

**Inovação e Educação:** pesquisas sobre as tecnologias em contextos amazônicos; explorar metodologias; processos educativos inovadores; experiências, práticas; tecnologias em espaços educacionais amazônicos.

### Resumo

Este artigo discute a curadoria digital como prática pedagógica na escola básica, com ênfase nas especificidades amazônicas. Analisa os processos de seleção, organização e mediação de conteúdos digitais sob perspectiva pós-estruturalista, valorizando diversidade linguística, multimodalidade e cidadania digital. A pesquisa, de natureza bibliográfica e teórico-interpretativa, fundamenta-se em Lévy, Rojo, Santaella, Kenski e na BNCC. Estrutura-se em dois eixos: apropriação de gêneros digitais emergentes, como memes e podcasts; e problematização da curadoria como prática ética e política. Os resultados indicam que a curadoria crítica não se limita a critérios técnicos, mas configura espaço de autoria compartilhada, valorização cultural e enfrentamento das desigualdades de acesso. Conclui-se que a escola básica pode reinventar-se ao incorporar a curadoria digital no currículo, promovendo aprendizagens situadas.

**Palavras-chave:** Ensino, Cibercultura, Gêneros digitais, Variação linguística, Curadoria digital.

1 – Especialização em Direito, Compliance, LGPD e Mecanismos Anticorrupção. UEA/MANAUS. <https://orcid.org/0009-0000-5016-8299>

2 – Doutora em Educação no campo das novas tecnologias aplicadas à Educação, pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Professora Adjunta da Universidade Federal do Amazonas (UFAM/MANAUS), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0428-5774>

3 – Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Aluna Especial de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM/MANAUS), ORCID <https://orcid.org/0009-0001-9271-5809>



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

## Introdução

Vivemos em uma sociedade profundamente marcada pela cibercultura, em que os textos circulam majoritariamente em meios digitais e multimodais. Esse cenário desafia o ensino de no contexto do Ensino Básico a reconfigurar seus objetos e práticas, incorporando novas formas de linguagem que extrapolam o modelo impresso tradicional. Como afirmam Rojo e Moura (2019, p. 45), “os suportes digitais potencializam práticas de multiletramentos, exigindo novas habilidades de leitura e escrita que integram diferentes linguagens.

A integração de gêneros digitais como memes, fanfics, blogs, podcasts e vídeos curtos ao ensino de é uma demanda urgente, pois aproxima a escola da realidade dos estudantes e favorece aprendizagens contextualizadas. Para Marcuschi (2008, p. 155), “os gêneros textuais não são entidades estanques, mas instrumentos culturais que se transformam continuamente em função das necessidades comunicativas”. Dessa forma, ao trazer para o currículo os gêneros emergentes da cibercultura, o professor (a) pode transformar significativamente a dinâmica da sala de aula, já que tais gêneros, como memes, posts em redes sociais, vídeos curtos, podcasts, fanfictions ou blogs, refletem práticas de linguagem já presentes no cotidiano dos estudantes e, quando reconhecidos pela escola, favorecem uma maior identificação e consequente participação e a motivação.

Ao trabalhar com textos que circulam na esfera digital, o ensino de língua portuguesa amplia sua função social, permitindo que os alunos desenvolvam competências de leitura e escrita em múltiplos suportes e linguagens, pois o, “os gêneros textuais são formas dinâmicas de ação social”, o que implica compreender que novos formatos surgem à medida que as práticas comunicativas se transformam. Marcuschi (2010, p. 22).

Do ponto de vista social e cultural, trazer esses gêneros para a sala de aula significa valorizar a diversidade linguística e reconhecer identidades juvenis. Em ambientes digitais, a variação linguística se torna evidente, seja nas gírias, abreviações ou nos usos regionais. Geraldi (1997, p. 35) lembra que “a língua é plural em seus usos, revelando a diversidade de falas que correspondem às diferentes formas de inserção social dos sujeitos”. Ao legitimar tais práticas, a escola combate preconceitos linguísticos e fortalece a relação entre currículo e vida social,

além de fomentar a cidadania digital ao discutir questões éticas e de responsabilidade no uso da linguagem em rede.

Há ainda implicações críticas relevantes. O trabalho com gêneros digitais contribui para a formação de leitores capazes de interpretar e avaliar discursos multimodais, de reconhecer fake news e de refletir sobre os usos da informação na sociedade. Coscarelli (2016, p. 41) ressalta que *“a escola precisa ensinar o aluno a escrever também para a tela, considerando a diversidade de suportes e linguagens que circulam na internet”*. Nesse sentido, o professor assume um papel de mediador e curador, conduzindo práticas de autoria coletiva e colaborativa, ao mesmo tempo em que promove reflexões sobre exclusão, poder e circulação de discursos no espaço digital.

Em síntese, ao trazer para o currículo os gêneros emergentes da cibercultura, a escola se reposiciona como espaço de mediação crítica, engajada e inclusiva. Essa escolha pedagógica contribui não apenas para aproximar o ensino das práticas sociais contemporâneas, mas também para formar sujeitos capazes de exercer uma cidadania digital ética, reflexiva e participativa.

Além disso, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 67) estabelece como competência geral da área de Linguagens a valorização da diversidade linguística e a capacidade de atuar em diferentes esferas sociais, reconhecendo que o domínio da língua envolve tanto a norma culta quanto as múltiplas variações que circulam em ambientes digitais. Justifica-se, portanto, a necessidade de discutir metodologias que contemplem essa realidade e que formem cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade da informação.

Diante desse contexto, problematizamos: como o ensino no contexto do Ensino Básico pode integrar os gêneros digitais e as práticas multimodais da cibercultura para promover uma formação crítica, cidadã em consonância com a BNCC?

O objetivo deste estudo foi analisar, a partir de um estudo exploratório, as potencialidades do ensino no contexto da cibercultura, com foco na valorização da variação linguística, na inserção de gêneros digitais e na adoção de práticas de curadoria pedagógica digital.

Busca-se, assim, compreender o estado da arte a partir de um estudo que se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica e teórica, já que para Gil (2008, p. 50), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

livros e artigos científicos”. Assim, foram analisadas produções de autores contemporâneos, como também de reconhecimento na área como Marcuschi (2010), Rojo (2012), Coscarelli (2016), Santaella (2014) e Lévy (1999), além de documentos oficiais como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

O corpus, portanto, constitui-se de referências que discutem gêneros digitais, variação linguística, multimodalidade e curadoria pedagógica, priorizando textos publicados em periódicos indexados e livros de referência qualificados. A opção por esse caminho justifica-se pela necessidade de sistematizar e interpretar a produção acadêmica já existente sobre o tema, oferecendo uma base conceitual sólida que poderá subsidiar futuras pesquisas empíricas.

Segundo Moran (2018, p. 27), “as mídias digitais, quando integradas de forma reflexiva ao currículo, estimulam autoria, interatividade e difusão do conhecimento”. Assim, o objetivo não se restringe ao uso instrumental da tecnologia, mas à sua articulação pedagógica para fomentar práticas transformadoras, já que as perspectivas futuras de pesquisa e prática pedagógica apontam para “a necessidade de aprofundar estudos sobre a curadoria digital, entendida como processo de seleção, organização e socialização crítica de gêneros digitais no contexto escolar”. Buzato (2017, p. 198). Nesse sentido, espera-se que futuras investigações desenvolvam metodologias capazes de articular diversidade cultural, multiletramentos e ética digital, ampliando a formação docente e a autonomia discente.

Este artigo está organizado em quatro seções principais, além desta introdução. Na primeira, discutem-se os gêneros textuais digitais e seus usos pedagógicos, destacando exemplos e estratégias para o ensino no contexto da cibercultura. Em seguida, analisa-se a variação linguística e sua relação com a identidade nos ambientes digitais, enfatizando o papel da diversidade linguística como marcador de pertencimento social e cultural. A terceira seção aborda a multimodalidade, a hipertextualidade e a construção de sentidos em diferentes suportes digitais, explorando suas implicações para a prática escolar. Na quarta seção, o foco recai sobre a curadoria digital e as questões éticas relacionadas ao ensino, ressaltando a importância da autoria e da cidadania digital. Por fim, são apresentadas as considerações, que sintetizam os resultados e apontam caminhos futuros para a pesquisa e a prática pedagógica.



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

## 1. Gêneros textuais digitais e usos pedagógicos

Nos últimos anos, o ensino passou a dialogar com os gêneros digitais emergentes em contextos escolares. Ao articular essas práticas com a cibercultura, abre-se uma via para práticas pedagógicas mais significativas. Como demonstram Oliveira e colaboradores, narrativas digitais e microliteratura digital podem ser incorporadas como estratégias pedagógicas relevantes: “são propostos dois tipos de gêneros textuais digitais: as narrativas digitais (digital storytelling) e a microliteratura digital” (Oliveira; Silva, 2020, p.17). Estas formas possibilitam aos estudantes trocar referências com modulação criativa e afetiva, estimulando o protagonismo textual.

Ao assumir essas formas textuais como parte do currículo, o professor não apenas moderniza sua metodologia, mas fortalece o vínculo entre o sujeito aprendiz e as práticas sociais letradas, já que os gêneros digitais, memes, blogs, fanfics, podcasts e vídeos, representam práticas sociais emergentes, adaptadas às condições comunicativas da cibercultura. Marcuschi defende que “os gêneros textuais não são entidades estanques, mas instrumentos culturais que se transformam continuamente em função das necessidades comunicativas”. Desse modo, ao serem inseridos em práticas pedagógicas, ampliam os letramentos e favorecem a criticidade Marcuschi (2008, p. 155).

Para Rojo (2012, p. 89), “os multiletramentos dizem respeito não apenas à diversidade cultural e linguística, mas também à multiplicidade de linguagens que circulam nos espaços digitais”. Assim, ao trabalhar memes, fanfics ou podcasts em sala de aula, o professor fortalece repertórios e conecta o currículo ao cotidiano dos estudantes.

## 2. Variação linguística e identidade nos ambientes digitais

A cibercultura intensifica a variação linguística, tornando mais visíveis marcas regionais, sociais e situacionais. Nos ambientes digitais, abreviações, gírias, emojis e memes não fragilizam a língua, mas evidenciam sua plasticidade. De acordo com a BNCC, “o conhecimento da diversidade linguística é essencial para o exercício da cidadania, permitindo compreender as variações como legítimas formas de expressão cultural”. (BRASIL, 2018, p.

67). Essa concepção amplia a noção de língua e pertencimento. Como apontam Rojo e Moura (2019, p. 73), “o modo como falamos e escrevemos nos ambientes digitais indica a qual grupo social nos vinculamos e revela práticas de inclusão e resistência”.

Nessa mesma direção, Geraldi (2010, p. 44) afirma que “a língua é lugar de interação e, portanto, sempre lugar de produção de sentidos, nunca simples veículo de informações”. Isso significa que, ao observarmos as múltiplas variações presentes na cibercultura, não se trata de julgar usos como “certos” ou “errados”, mas de compreender como cada escolha linguística constitui um ato de enunciação que inscreve o sujeito em determinada rede social e cultural.

Assim, a variação linguística no espaço digital não apenas revela a vitalidade da língua, mas também torna visível o caráter político da linguagem. Como destaca Geraldi (1997, p. 67), “todo dizer é um modo de intervir no mundo”. Desse modo, as práticas digitais, longe de empobrecer o português, ampliam sua potência enunciativa e reafirmam a língua como espaço de identidade, resistência e negociação cultural.

### **3. Multimodalidade, hipertextualidade e construção de sentido**

Na cibercultura, a leitura e a produção textual ultrapassam a linearidade, envolvendo multimodalidade e hipertextualidade. Segundo Rojo e Moura (2019, p. 52), “a leitura em ambientes digitais se dá por meio de percursos não lineares, que combinam texto, imagem, som e interação social”. Essa afirmação revela que a construção de sentido é dinâmica e coletiva.

Nessa perspectiva, Buzato (2017, p. 198) reforça que “as práticas digitais não são apenas novas ferramentas, mas modos específicos de interação e de produção de sentidos que demandam novas formas de aprendizagem”. Logo, integrar tais práticas à escola é promover uma educação linguística crítica.

A hipertextualidade, segundo Pierre Lévy (1999), rompe com a linearidade tradicional da leitura e da escrita, propondo percursos múltiplos de navegação que transformam o leitor em coautor do texto. Para o autor, “o hipertexto é um texto que se organiza em rede, constituído de nós e de ligações que o leitor pode percorrer segundo suas próprias escolhas” (LÉVY, 1999, p. 33). Essa característica não apenas altera a forma como o sujeito interage com a





**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

informação, mas também inaugura novas práticas cognitivas e culturais. No contexto da escola básica, a hipertextualidade permite que os estudantes experimentem leituras abertas e nômades, construindo sentidos a partir de conexões singulares que refletem suas vivências e repertórios culturais.

Nesse horizonte, a construção de sentido não se dá de maneira fixa, mas rizomática, em fluxos que mesclam linguagens verbais, visuais e sonoras. Lévy (1999, p. 56) enfatiza que “*a leitura do hipertexto é sempre uma leitura de percursos, em que cada sujeito escolhe os caminhos que deseja explorar*”. Assim, a hipertextualidade desafia a noção de interpretação única e propõe uma pedagogia da multiplicidade. Na Amazônia, esse processo dialoga com a tradição das narrativas orais que se desdobram em versões diversas, mostrando que a construção de sentido é sempre coletiva, situada e aberta ao devir.

#### **4. Curadoria digital e ética no ensino de Língua Portuguesa**

Porém, o excesso de informações na sociedade digital impõe ao professor o papel de curador, responsável por selecionar, organizar e socializar gêneros digitais relevantes. Moran (2018, p. 27) defende que “as mídias digitais, quando integradas de forma reflexiva ao currículo, estimulam autoria, interatividade e difusão do conhecimento”. Isso significa que o professor deve fomentar práticas de produção crítica e ética em ambientes digitais. Nesse sentido, a BNCC (BRASIL, 2018, p. 88) orienta que a educação linguística contemple “o desenvolvimento de competências que permitam selecionar informações, avaliar sua confiabilidade e usá-las de maneira ética e responsável”.

Nos cenários contemporâneos, a escola é chamada a assumir o papel de mediadora ativa e crítica na seleção e organização de conteúdos digitais, uma vez que o excesso de informações pode comprometer os processos de ensino-aprendizagem. Dolzane (2023), destaca que a escola deve assumir o papel fundamental de educar para o uso dessas tecnologias, de forma reflexiva e crítica. Isso implica não apenas introduzir tecnologias no ambiente escolar, mas sim cultivá-las como objetos de análise e reflexão, permitindo que estudantes desenvolvam competências digitais fundamentadas em valores éticos e sociais.

Nesse sentido, Bruno; Mattos (2020), ao discutir a curadoria digital na educação aberta, ressaltam que essa prática pedagógica possibilita a construção coletiva e autoral do conhecimento. Eles afirmam que os dados selecionados em repositórios digitais confiáveis podem ser compartilhados, pois, ampliam a qualidade da pesquisa e que a escola ganha um papel de articulador, autor e implicado no processo. Essa visão conecta o docente e o discente ao protagonismo na curadoria, fortalecendo a autonomia e engajamento nas aprendizagens digitais.

Por fim, a literatura recente sobre modelos de curadoria digital aplicados ao ensino indica que essa prática pode ser estruturada em etapas reflexivas e colaborativas. Silva e Teixeira (2022) apontam que os modelos convergem em fases de seleção, organização e avaliação, e que se beneficiam das características dos Ambientes Pessoais de Aprendizagem (PLE), potencializando o protagonismo dos sujeitos envolvidos. Essa abordagem destaca que a curadoria crítica na escola não deve ser um filtro simplório, mas uma prática elaborada que promove consciência metalinguística, responsabilidade digital e construção conjunta de significados.

## 5. Discussão

No interior dessa lógica rizomática de curadoria, uma sequência didática possível seria organizada em torno do meme amazônico como gênero digital. O professor poderia iniciar com a coleta de memes que circulam localmente, especialmente aqueles que mobilizam marcas da oralidade regional e expressões regionais. Em seguida, os estudantes seriam convidados a analisar seus recursos multimodais (texto, imagem, ironia, intertextualidade), relacionando-os a práticas de resistência cultural.

A etapa seguinte envolveria a produção autoral de novos memes que dialogassem com narrativas tradicionais, como lendas do boto ou histórias de comunidades ribeirinhas, mas ressignificadas em chave crítica. Por fim, a curadoria coletiva desses produtos seria realizada em um mural digital ou rede social da escola, transformando o processo em prática de autoria compartilhada, na qual se exercita a cidadania digital e se valoriza a diversidade linguística da Amazônia.



O Quadro a seguir apresenta uma proposta com base nas possibilidades regionais.

## Quadro 1 - Sequência Didática

Sequência Didática: “O Meme Amazônico como Gênero Digital”	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Valorizar a diversidade linguística amazônica por meio da análise e produção de memes.</li> <li>• Desenvolver a competência crítica e multimodal em ambientes digitais.</li> <li>• Exercitar a autoria coletiva e a curadoria digital em práticas pedagógicas.</li> <li>• Relacionar narrativas culturais tradicionais (lendas, oralidades locais) com gêneros emergentes da cibercultura.</li> </ul>
Etapas	<p><b>a) Sensibilização e coleta</b> O professor inicia a proposta apresentando diferentes memes que circulam em redes sociais locais (WhatsApp, Facebook, TikTok). Em grupos, os estudantes coletam exemplos de memes regionais, especialmente aqueles que exploram o “amazonês”, gírias locais, imagens do cotidiano ribeirinho ou situações escolares.</p> <p><b>b) Análise crítica</b> Cada grupo analisa os memes coletados, identificando recursos linguísticos (abreviações, oralidade, marcas regionais), recursos multimodais (imagem, cor, tipografia, layout) e efeitos de sentido (humor, ironia, crítica social). Nesse momento, o professor provoca reflexões sobre preconceito linguístico, resistência cultural e o papel político do humor.</p> <p><b>c) Produção autoral</b> Os grupos produzem seus próprios memes, articulando narrativas culturais amazônicas (ex.: lenda do boto, histórias quilombolas, saberes indígenas, cotidiano das comunidades ribeirinhas) com elementos da cibercultura. A produção pode ser feita com aplicativos simples de edição de imagem e texto (Canva, Meme Generator, Paint).</p> <p><b>d) Curadoria coletiva</b> Os memes produzidos são compartilhados em um mural digital coletivo (Padlet, Google Apresentações, grupo fechado no Facebook/WhatsApp da escola). Em assembleia, os estudantes discutem critérios para a curadoria: quais memes devem ser destacados, por quê, e como representam a diversidade amazônica. O processo reforça a ideia de autoria compartilhada e cidadania digital.</p> <p><b>e) Socialização e reflexão</b> O mural de memes é socializado com a comunidade escolar (professores, familiares, comunidade local). A turma reflete sobre os aprendizados: como os memes ajudaram a compreender a língua como prática social, a valorizar identidades regionais e a exercitar a autoria digital.</p>
Avaliação considera	<p>A avaliação é processual, considerando:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A participação dos alunos na coleta e análise crítica.</li> <li>• A criatividade e coerência cultural das produções.</li> <li>• A participação no processo de curadoria coletiva.</li> <li>• A capacidade de reflexão sobre ética, autoria e cidadania digital.</li> </ul>

Fonte: os autores, 2025.

A escolha do meme como ponto de partida evidencia a potência dos gêneros digitais emergentes para o ensino de Língua Portuguesa. Marcuschi (2010, p. 22) lembra que “os gêneros não são entidades estanques, mas formas culturais em permanente processo de transformação”. O meme, nesse sentido, constitui-se como gênero em fluxo, rizomático, que mistura linguagem verbal, visual e multimodalidade.

Na perspectiva dos multiletramentos, Rojo (2012, p. 98) defende que “o trabalho pedagógico com gêneros digitais promove a inserção crítica do aluno nas práticas sociais letradas da contemporaneidade”. O uso de memes amazônicos conecta o cotidiano cultural dos estudantes, suas gírias, humor e identidade linguística, com a escola, criando uma ponte entre currículo e cibercultura.

A sequência rompe com a noção de currículo linear e de língua homogênea. Como afirmam Deleuze e Guattari (1995), a produção rizomática não se orienta por hierarquias fixas, mas por conexões múltiplas e imprevisíveis. Os memes locais, ao dialogar com narrativas tradicionais como a lenda do boto, instauram deslocamentos e reconfiguram sentidos.

Do ponto de vista da diversidade linguística, Geraldi (1997, p. 35) destaca que “a língua é plural em seus usos, revelando a diversidade de falas que correspondem às diferentes formas de inserção social dos sujeitos”. Nesse sentido, os memes amazônicos funcionam como práticas que afirmam pertencimento, reconhecem o “amazonês” e valorizam a oralidade como recurso criativo e identitário. Assim, a curadoria coletiva dos memes no mural digital transforma a prática em exercício de cidadania digital (Kenski, 2012), promovendo autoria compartilhada e reflexão ética sobre a circulação de conteúdos em rede.

Quadro 2 - Sequência Didática: Podcast Amazônico

Sequência Didática: “Podcast Amazônico – Vozes Ribeirinhas e Escolares”	
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Explorar a oralidade como prática multimodal e digital na escola básica.</li><li>• Valorizar narrativas locais amazônicas (lendas, histórias comunitárias, memórias ribeirinhas).</li><li>• Desenvolver competências de escuta ativa, autoria oral e cidadania digital.</li><li>• Articular tradições culturais amazônicas à cibercultura por meio da produção colaborativa de podcasts.</li></ul>
<b>Etapas</b>	<p><b>a) Sensibilização e imersão</b></p> <p>O professor apresenta exemplos de podcasts educativos e culturais (curtos e acessíveis). Discute-se com os alunos: o que é um podcast? como ele se diferencia de outros gêneros digitais? quais temas poderiam ser interessantes no contexto da escola e da comunidade?</p>

<b>Etapas</b>	<p><b>b) Mapeamento de narrativas locais</b> Em grupos, os estudantes escolhem temas ligados à oralidade amazônica: lendas (boto, vitória-régia, mapinguari), memórias de pescadores, histórias quilombolas, cantos indígenas ou experiências escolares. Essa etapa pode envolver entrevistas com familiares, moradores da comunidade ou lideranças locais.</p> <p><b>c) Roteirização e ensaio</b> Cada grupo transforma o material coletado em roteiro de podcast: introdução, desenvolvimento narrativo, efeitos sonoros (água, floresta, pássaros, música regional), encerramento. Ensaiam a gravação, discutindo entonação, ritmo e clareza da fala.</p> <p><b>d) Produção e edição</b> Com auxílio do professor, os estudantes gravam os episódios em celular ou computador usando aplicativos simples (Anchor, Audacity). Adicionam sons da natureza amazônica ou músicas locais para criar uma ambiência multimodal.</p>
<b>Avaliação considera</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O engajamento na coleta de narrativas e no diálogo com a comunidade.</li> <li>• A criatividade na roteirização e uso de recursos multimodais (som, música, efeitos).</li> <li>• A clareza e autoria nas produções orais.</li> <li>• A participação na curadoria coletiva e na reflexão sobre ética digital.</li> </ul>

Fonte: os autores, 2023

A sequência de podcasts mobiliza a oralidade como dimensão central da cultura amazônica. Como lembra Ong (1998), a oralidade primária e secundária permanece estruturante nas comunidades tradicionais. Ao transformar narrativas ribeirinhas em podcasts, os estudantes atualizam essa tradição na cibercultura, operando uma prática de remix entre memória ancestral e linguagem digital.

Coscarelli (2016, p. 58) afirma que “a leitura na tela é sempre atravessada por outros modos de significação, como o visual e o sonoro”. O podcast amplia esse horizonte ao introduzir a multimodalidade sonora, permitindo que efeitos como o som da água, da floresta ou da música regional reforcem a construção de sentidos. Trata-se de prática que coloca em evidência os modos de significação não verbais, fundamentais para uma educação multimodal.

Do ponto de vista pós-estruturalista, Derrida (2001) já indicava que todo texto é tecido de vozes e rastros. O podcast, ao reunir falas da comunidade e a voz dos estudantes, se apresenta como um tecido polifônico, em que a autoria é sempre coletiva, difusa e atravessada por diferenças. Também a BNCC BRASIL, (2018, p. 67) afirma que “o conhecimento da diversidade linguística é essencial para o exercício da cidadania”. Ao dar espaço às línguas indígenas, ao português amazônico e às marcas regionais nas produções de podcast, a escola

não apenas legitima essas formas de expressão, mas as eleva a produções culturais que podem circular em redes digitais mais amplas.

Por fim, a curadoria coletiva dos episódios em um canal escolar reforça a noção de curadoria digital como ato ético Santaella, (2014). Não se trata apenas de selecionar conteúdos, mas de afirmar critérios construídos coletivamente, que dialogam com as realidades locais e com a ética da diferença.

As duas sequências se complementam, pois, o **meme** trabalha a escrita digital breve, humorística e crítica, afirmando a diversidade linguística e o engajamento juvenil e o **podcast** explora a oralidade, a memória cultural e a multimodalidade sonora, articulando tradição e cibercultura. Ambas, contudo, se ancoram em uma concepção **de curadoria digital**, em que o professor não é filtro neutro, mas traça percursos provisórios, legitima vozes múltiplas e promove autoria coletiva.

## 6. Conclusão

O ensino, quando pensado no contexto da cibercultura, precisa ultrapassar os limites dos gêneros impressos tradicionais que ainda predominam na escola e abrir-se para as práticas digitais que já fazem parte da rotina dos estudantes. Os gêneros não devem ser entendidos apenas como estruturas linguísticas estáticas, mas como manifestações sociais em constante transformação, moldadas pelas interações e pelos usos cotidianos da linguagem. Inserir gêneros digitais no currículo significa, portanto, favorecer a construção da cidadania, estimular a criticidade e fomentar a autoria em consonância com os desafios do tempo presente.

Nesse cenário, a cibercultura não pode ser reduzida a um simples ambiente tecnológico. Ela se apresenta como um campo de reflexão capaz de provocar novas formas de pensar o ensino de língua. Ao integrar práticas de curadoria digital, princípios éticos e reconhecimento da diversidade linguística, a escola ressignifica o trabalho com a linguagem, aproximando-o da vida real dos alunos. Assim, o ensino deixa de ser uma transmissão linear de conteúdos e se torna um espaço de produção de sentidos, no qual os estudantes se reconhecem como participantes ativos e criadores em uma sociedade marcada por fluxos digitais e pela multiplicidade cultural.



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

## Referências

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. Letramentos digitais e a circulação do conhecimento. São Paulo: Parábola, 2017.
- BRUNO, Adriana Rocha; MATTOS, Mário J. L. Curadoria digital em educação aberta. Revista de Educação Aberta e Digital, v. 7, n. 2, p. 45-60, 2020.
- COSCARELLI, Carla Viana. Leitura e escrita na cibercultura. São Paulo: Parábola, 2016.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. A escritura e a diferença. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- DOLZANE, Maria Ione Feitosa. Cartografia das águas: professores ou personagens conceituais de um plano imanente? 2ed. São Paulo, dialética, 2023.
- GERALDI, Wanderley João. Portos de passagem. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GERALDI, Wanderley João. O texto na sala de aula. 5. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). Gêneros textuais e ensino. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010. p. 19-38.
- MORAN, José Manuel. Metodologias inovadoras na educação presencial e a distância. São Paulo: Papirus, 2018.
- OLIVEIRA, Tiago Silva; SILVA, Fernanda Aparecida. Narrativas digitais e microliteratura: experiências pedagógicas em sala de aula. Revista Linha d'Água, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 15-28, 2020.
- ONG, Walter. Oralidade e escrita: a tecnologia da palavra. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998.
- ROJO, Roxane. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola, 2012.
- ROJO, Roxane; MOURA, Elisa. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2019.
- SANTAELLA, Lúcia. A ecologia plural da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2014.



**XXIII  
SEINPE**  
I FEIRA DE INOVAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
DA EDUCAÇÃO DO AMAZONAS

SILVA, Tatiane; TEIXEIRA, João. Modelos de curadoria digital aplicados ao ensino. Revista de Educação e Tecnologias Digitais, v. 9, n. 1, p. 75-92, 2022.